

Experiência Estética como Fundamento no Ensino da Arte: Sentir, Perceber e Compreender o Mundo

Aesthetic Experience as a Foundation in Art Education: Feeling, Perceiving, and Understanding the World

  **Valdecy Corrêa Júnior¹**

Resumo:

O presente artigo discute a importância da experiência estética como elemento central no ensino da arte, defendendo sua contribuição para o desenvolvimento da sensibilidade, da percepção e da cognição dos estudantes. Com base em autores como Duarte Júnior, Barbosa, Funch e Nunes, o texto evidencia como o contato com a arte pode despertar novas formas de sentir e interpretar o mundo. A metodologia adotada é de natureza qualitativa, com análise teórica e revisão bibliográfica. Conclui-se que a experiência estética, ao integrar razão e emoção, oferece uma via potente para a formação integral do sujeito, devendo ser valorizada nos espaços educativos formais e não formais.

Palavras-chave: educação estética; ensino da arte; experiência estética; percepção; sensibilidade.

Abstract:

This article discusses the importance of aesthetic experience as a central element in art education, highlighting its contribution to the development of students' sensitivity, perception, and cognition. Based on authors such as Duarte Júnior, Barbosa, Funch, and Nunes, the text shows how contact with art can awaken new ways of feeling and interpreting the world. The methodology is qualitative, based on theoretical analysis and bibliographic review. It concludes that aesthetic experience, by integrating reason and emotion, offers a powerful path to the integral development of the individual and should be valued in both formal and informal educational spaces.

Keywords: aesthetic education; aesthetic experience; art education; perception; sensitivity.

¹ Doutor e Mestre em Ciências da Educação pela Faculdade Internacional de Ciências Sociais (FICS). Especialista em Educação de Jovens e Adultos (UNISUDESTE), em Gestão de Eventos (FGF) e em Administração e Marketing (UNINTER). Licenciado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Vila Velha (UVV). E-mail: valdecyjunior@yahoo.com.br.

1 Introdução

A arte, ao longo da história, tem ocupado um papel essencial na formação cultural e sensível dos sujeitos, sendo reconhecida não apenas como um meio de expressão, mas também como uma forma de conhecimento. Entre as múltiplas dimensões que compõem o fazer artístico, a experiência estética desponta como uma vivência singular e complexa que envolve percepção, sentimento e reflexão. No contexto educacional, essa experiência pode se tornar um instrumento poderoso para a construção do saber, ao articular razão e emoção, teoria e prática, sensibilidade e pensamento crítico.

A presente investigação propõe-se a analisar a experiência estética como fundamento pedagógico no ensino da arte, compreendendo sua importância para o desenvolvimento da sensibilidade, da percepção e da consciência crítica dos alunos. Parte-se da premissa de que a arte, ao provocar emoções e suscitar interpretações, contribui significativamente para a formação integral do indivíduo e para a ampliação de sua visão de mundo.

Para isso, adota-se uma abordagem qualitativa, com base em pesquisa bibliográfica e análise teórica de autores consagrados nos campos da arte, da estética e da educação, como Duarte Júnior (2001), Barbosa (2003), Engelmann (2008), Funch (2000), Nunes (1999), entre outros. A investigação tem como foco principal compreender de que modo a experiência estética pode ser potencializada em contextos escolares e não escolares, como um processo formativo que estimula a criatividade, o autoconhecimento e o envolvimento subjetivo com as manifestações artísticas.

Entende-se, portanto, que a educação estética não se restringe à aquisição de técnicas ou à apreciação formal de obras, mas envolve a capacidade de sentir, interpretar e ressignificar o mundo por meio da arte. Assim, este artigo busca contribuir para o debate sobre a relevância da experiência estética na prática educativa, destacando seus potenciais formativos e transformadores.

2 Desenvolvimento

A experiência estética, no contexto educacional, deve ser entendida como uma vivência sensível que transcende a mera contemplação da obra de arte. Ela mobiliza a percepção, a emoção e o pensamento reflexivo, constituindo-se como um elemento central no processo formativo. Para Duarte Júnior (2001), a *aisthesis* representa a capacidade sensível do ser humano de perceber e organizar os estímulos que lhe chegam ao corpo, permitindo a integração entre sentir e compreender. Essa concepção rompe com modelos educacionais mecanicistas, que reduzem a aprendizagem à memorização de conteúdos, ao propor uma abordagem que valoriza a subjetividade e a sensibilidade do educando.

Duarte Júnior (2001) resgata o conceito grego de *aisthesis* em seu livro “Fundamentos Estéticos da Educação”, que fundamenta uma proposta pedagógica centrada na sensibilidade e na experiência estética como elementos essenciais da formação humana. A palavra *aisthesis*, que originou os termos “estesia” e “estética”, refere-se à capacidade humana de sentir o mundo de forma organizada, conferindo sentido à realidade por meio da percepção sensorial. Para Duarte Júnior, essa sensibilidade é a base primordial sobre a qual se constroem os demais saberes, inclusive os racionais e conceituais.

O autor critica a tradição educacional ocidental que privilegia o pensamento lógico e abstrato em detrimento do sentir e da experiência vivida. Ele argumenta que a educação deve promover a harmonia entre o sentir, o pensar e o agir, permitindo que o educando crie sentidos e valores que fundamentem sua ação no ambiente cultural em que está inserido. Essa abordagem busca superar a dicotomia entre razão e emoção, frequentemente presente nas práticas pedagógicas tradicionais, e propõe uma educação que valorize a construção de significados a partir das experiências concretas dos sujeitos.

Duarte Júnior (2001) também destaca a importância da linguagem como instrumento de mediação entre o indivíduo e o mundo. Ele afirma que a linguagem é a memória coletiva da sociedade e que, por meio dela, as experiências são socializadas, armazenadas e transmitidas. Assim, a linguagem permite que os indivíduos atribuam valores e significados às suas experiências, contribuindo para a

construção de uma visão de mundo compartilhada.

Nesse contexto, a educação estética proposta por Duarte Júnior não se limita ao ensino das artes, mas abrange uma formação integral que considera o ser humano em sua totalidade sensível e racional. Ela busca desenvolver a capacidade de percepção e apreciação das formas, sons, cores e movimentos, promovendo uma consciência estética que permeie todas as dimensões da vida. Essa abordagem visa formar sujeitos mais sensíveis, críticos e criativos, capazes de interagir com o mundo de maneira mais plena e significativa.

Em resumo, a concepção de *aisthesis* apresentada por João Francisco Duarte Júnior em “Fundamentos Estéticos da Educação” propõe uma educação que valorize a sensibilidade e a experiência estética como fundamentos essenciais para a formação humana. Ao integrar o sentir, o pensar e o agir, essa abordagem busca promover uma formação mais completa e significativa, capaz de responder às demandas de uma sociedade em constante transformação. Uma concepção abordada não apenas pelo autor, mas também por diversos estudiosos da área, que contribuem para a compreensão da formação estética do ser humano.

A aproximação com a arte, nesse sentido, possibilita que o aluno acesse formas alternativas de interpretar o mundo, promovendo uma alfabetização sensível e visual. Em uma sociedade saturada por imagens e informações visuais, desenvolver a capacidade de leitura estética é tão importante quanto a leitura verbal. Funch (2000) reforça essa ideia ao afirmar que a experiência estética ativa a cognição e a percepção, tornando o indivíduo mais consciente dos elementos simbólicos, formais e emocionais contidos nas imagens que o cercam. Nesse processo, a arte deixa de ser um adorno curricular para tornar-se meio legítimo de construção de conhecimento e identidade.

Educar para a sensibilidade é, portanto, educar para o humano. Isso significa não apenas permitir que o aluno tenha acesso à arte, mas possibilitar que ele a sinta, interprete e ressignifique a partir de sua própria vivência. Para Barbosa (2003), a arte é uma linguagem que aguça os sentidos e comunica aquilo que outras linguagens não conseguem expressar. A educação estética, nesse sentido, deve proporcionar experiências que estimulem o olhar crítico, o reconhecimento de

diferentes formas de expressão e o respeito à diversidade cultural.

Ao apreciar uma obra de arte, o aluno não apenas observa formas e cores, mas também acessa universos simbólicos, afetivos e históricos. Essa experiência, segundo Parsons (1992), desenvolve-se ao longo de uma sequência de estágios que acompanham o crescimento e a maturação do sujeito. Cada novo contato com a arte amplia sua capacidade de interpretação e aprofunda sua compreensão estética. Por isso, é fundamental que o ambiente escolar ofereça uma variedade de obras, estilos e técnicas, incentivando o diálogo e a construção coletiva de sentidos.

A criatividade é outro aspecto central da experiência estética. Para Duarte Júnior (2001), ela se manifesta em diferentes dimensões: pessoal, cognitiva, cultural e produtiva. Ao estimular a criatividade, a escola abre espaço para que os alunos experimentem novas formas de pensar e se expressar, desafiando a lógica repetitiva e instrumental que muitas vezes predomina no currículo escolar. Vigotski (2009) reforça essa ideia ao afirmar que toda atividade criadora está enraizada em experiências anteriores, sendo transformada pela imaginação em novas possibilidades de ação e representação.

Além disso, a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) reconhece a importância da arte como componente essencial da formação humana, propondo que os alunos desenvolvam competências relacionadas à criação, fruição e reflexão estética. Essa diretriz aponta para uma concepção de arte que ultrapassa a ideia de dom ou talento e se estabelece como direito cultural de todos os cidadãos. Em projetos interdisciplinares e oficinas artísticas, o aluno pode explorar materiais, linguagens e contextos diversos, ampliando seu repertório e fortalecendo sua autonomia criadora.

A experiência estética também se constitui como um instrumento de cidadania. Ao entrar em contato com diferentes manifestações artísticas, o aluno amplia sua compreensão sobre si e sobre o outro, desenvolvendo empatia e senso crítico. Engelmann (2008) afirma que o ensino da arte deve promover uma convivência harmoniosa entre o sujeito e a obra, respeitando os valores culturais do meio em que está inserido. Quando o educador propõe atividades com obras de artistas indígenas, afro-brasileiros, urbanos e contemporâneos, ele contribui para

uma educação inclusiva, antirracista e decolonial.

Engelmann (2008) explora a complexa relação entre o sujeito e a obra de arte, destacando a importância da convivência harmoniosa entre ambos para uma experiência estética significativa. Segundo o autor, essa convivência não se limita à apreciação passiva da obra, mas envolve uma interação ativa e sensível, na qual o sujeito projeta seus sentimentos e emoções, estabelecendo um diálogo profundo com a criação artística.

Engelmann (2008) enfatiza que a obra de arte é um meio pelo qual o sujeito pode acessar e expressar aspectos profundos de sua própria existência. Ele argumenta que, ao se envolver com a obra, o indivíduo mobiliza não apenas sua razão, mas também sua sensibilidade e imaginação, permitindo uma compreensão mais ampla e enriquecedora da realidade. Essa interação promove um processo de autoconhecimento e transformação, no qual o sujeito se reconhece e se reinventa por meio da experiência estética.

A convivência harmoniosa entre o sujeito e a obra também é mediada pela empatia, conceito que Engelmann aborda ao discutir a teoria da empatia de Vigotski. Nessa perspectiva, o sujeito se insere na obra, projetando nela seus sentimentos mais profundos, o que possibilita uma conexão emocional intensa e autêntica. Esse processo de identificação e projeção permite que a obra de arte funcione como um espelho da alma humana, refletindo e amplificando as emoções e experiências do sujeito.

Além disso, Engelmann (2008) destaca que a convivência entre o sujeito e a obra é influenciada pelo contexto histórico e cultural em que ambos estão inseridos. Ele ressalta que a compreensão e apreciação da arte são condicionadas pelas experiências individuais e coletivas, bem como pelos valores e significados atribuídos às manifestações artísticas em diferentes épocas e sociedades. Dessa forma, a convivência harmoniosa entre o sujeito e a obra envolve não apenas uma interação pessoal, mas também uma abertura para a diversidade e a pluralidade de interpretações e sentidos.

A análise de Engelmann sobre a convivência harmoniosa entre o sujeito e a obra de arte revela a importância de uma abordagem sensível, empática e

contextualizada na experiência estética. Ao promover um diálogo profundo entre o indivíduo e a criação artística, essa convivência contribui para o desenvolvimento da sensibilidade, da imaginação e do pensamento crítico, elementos essenciais para uma formação humana integral e significativa.

A arte também pode funcionar como forma de resistência e denúncia. Obras engajadas socialmente permitem que o aluno reflita sobre temas urgentes, como desigualdade, gênero, racismo e meio ambiente. Dessa maneira, o ensino da arte não apenas forma o gosto, mas também constrói consciência crítica e pertencimento. Segundo Barbosa (2003), as práticas educativas em arte estão intrinsecamente ligadas aos movimentos sociais, filosóficos e estéticos de cada época, sendo assim um reflexo e motor da vida em sociedade.

Barbosa (2003) propõe uma profunda reflexão sobre as práticas educativas no ensino da arte, destacando a necessidade de uma abordagem que vá além da mera reprodução técnica ou da visão utilitária da disciplina. A autora enfatiza a importância de integrar a produção artística, a leitura crítica e a contextualização histórica e cultural das obras, promovendo uma educação estética que desenvolva a sensibilidade, a criatividade e o pensamento crítico dos alunos.

A autora também critica a visão tradicional que reduz o ensino da arte a atividades recreativas ou decorativas, defendendo que a arte deve ser compreendida como uma forma de conhecimento e expressão cultural. Ela propõe a "proposta triangular" ou "abordagem triangular" como metodologia para o ensino da arte, que consiste em três eixos interligados: fazer artístico, leitura da obra e contextualização. Essa abordagem visa proporcionar aos alunos uma compreensão mais ampla e significativa da arte, estimulando a capacidade de análise, interpretação e produção criativa.

Ela também destaca a importância da formação contínua dos professores de arte, ressaltando que o educador deve ser um mediador sensível e crítico, capaz de criar situações de aprendizagem que valorizem a diversidade cultural e as experiências individuais dos alunos. Enfatiza, ainda, que o ensino da arte deve ser inclusivo e respeitar as diferentes formas de expressão e percepção, promovendo a alfabetização visual e o desenvolvimento da subjetividade.

Além disso, Barbosa aborda a necessidade de incorporar as tecnologias contemporâneas no ensino da arte, reconhecendo o papel das imagens e dos meios digitais na formação estética dos estudantes. Ela defende que o ensino da arte deve estar em sintonia com as transformações culturais e sociais, preparando os alunos para compreender e interagir criticamente com o mundo visual que os cerca.

Em uma forma resumida, Barbosa (2003) argumenta que a educação estética valoriza a arte como forma de conhecimento, expressão e transformação social. Por meio de práticas educativas que integrem produção, leitura e contextualização, a autora busca promover uma formação artística significativa, crítica e sensível, capaz de contribuir para o desenvolvimento integral dos alunos.

Além do espaço escolar, a experiência estética pode ser vivida em espaços não escolares, como centros culturais, museus, comunidades, hospitais e igrejas. Esses espaços permitem uma abordagem mais livre e sensível, favorecendo a expressão espontânea e a criação coletiva. Simas (2012, p. 20) destaca que a arte é um “fazer que equilibra e estabiliza os sentidos”, sendo particularmente significativa em contextos de vulnerabilidade emocional e social. Projetos de arte e reabilitação, por exemplo, demonstram o impacto da estética na saúde mental, na reconstrução de vínculos e na autoestima dos participantes.

O contato com a arte em ambientes alternativos à escola também fortalece os vínculos comunitários, promovendo o sentimento de pertencimento e o compartilhamento de saberes ancestrais. Ao criar e apreciar arte em coletivo, os sujeitos reconhecem-se como produtores de cultura e não apenas consumidores passivos. A educação estética, nesses contextos, torna-se instrumento de empoderamento e transformação social.

Nesse processo, o papel do professor é fundamental. O educador é o mediador da experiência estética, o responsável por criar situações significativas de contato com a arte, despertando a curiosidade e a sensibilidade dos alunos. Mais do que ensinar técnicas, o professor deve propor vivências que integrem corpo, emoção, pensamento e expressão. Para isso, é necessário que ele próprio esteja sensível à arte e preparado para lidar com a subjetividade dos estudantes.

A mediação estética exige escuta, abertura ao diálogo e valorização dos

processos criativos. O erro, nesse contexto, não deve ser punido, mas compreendido como parte do processo de aprendizagem. Ao reconhecer e acolher as expressões singulares de seus alunos, o professor favorece a construção de identidades e a afirmação da diversidade cultural. Segundo Nunes (1999), a experiência estética se diferencia da experiência cognitiva e da moral justamente por sua base intuitiva e afetiva, que escapa às definições racionais e abre espaço para o encantamento e a contemplação.

Além dos aspectos já abordados, é importante considerar que a experiência estética no ensino da arte não ocorre de forma isolada, mas está intrinsecamente ligada aos contextos históricos, sociais e culturais nos quais o educando está inserido. A arte não se desenvolve em um vácuo, ela carrega os traços das lutas, dos anseios e das contradições de seu tempo. Assim, ao trabalhar com produções artísticas de diferentes épocas e origens, o professor oferece ao aluno não apenas o contato com formas e estilos, mas também a possibilidade de compreender os processos históricos que moldaram essas expressões. A análise de obras de arte, quando contextualizada, permite que o estudante perceba os vínculos entre estética, política e ideologia, tornando-se mais crítico diante das imagens e mensagens que consome no cotidiano.

Nesse sentido, a formação estética deve ser entendida também como formação ética. A arte possibilita o enfrentamento de temas difíceis e subjetivos, como a morte, o sofrimento, a injustiça e o amor, muitas vezes silenciados nas práticas pedagógicas tradicionais. Trabalhar essas temáticas por meio da arte pode ser um caminho poderoso para a construção de uma educação mais humanizada. A escuta das emoções despertadas por uma obra torna-se, nesse contexto, uma ferramenta pedagógica que valoriza o aluno em sua integralidade. Como lembra Eisner (2002), a arte desenvolve formas de pensamento que não são possíveis por meios lógicos-discursivos, tornando-se insubstituível no processo educativo.

Outro aspecto relevante é o reconhecimento da diversidade de formas de produção e fruição artística nas culturas populares, tradicionais e periféricas. Muitas vezes, a escola valoriza apenas as expressões artísticas legitimadas por instituições culturais hegemônicas, invisibilizando produções potentes que ocorrem nas

margens. Incluir no currículo a arte urbana, o grafite, o *slam*, a música de raiz, o artesanato e outras manifestações é uma forma de democratizar o ensino da arte e romper com uma visão elitista e excludente da estética. Essa abertura curricular contribui para que os alunos se reconheçam como parte legítima da produção cultural de seu tempo e território.

Também é fundamental que o ensino da arte considere as múltiplas linguagens visuais e tecnológicas que integram o cotidiano dos estudantes no século XXI. A cultura digital tem transformado radicalmente as formas de criação, circulação e recepção da arte. Ferramentas como aplicativos de edição de imagem, redes sociais, memes e performances digitais são parte da vivência estética dos jovens e devem ser valorizadas como ponto de partida para discussões críticas e criativas. O uso pedagógico dessas tecnologias pode potencializar a produção autoral dos alunos e ampliar sua capacidade de leitura crítica do universo visual contemporâneo.

Por fim, a experiência estética no ensino da arte deve ser compreendida como um direito fundamental. Mais do que um complemento da educação, ela é parte constitutiva do desenvolvimento humano. Promover o acesso à arte e à estética é garantir ao sujeito a possibilidade de sentir-se pleno, sensível e criador. Nesse processo, o papel do Estado, da escola e do professor é decisivo. É preciso que as políticas públicas de educação assegurem infraestrutura adequada, formação continuada dos educadores e valorização das linguagens artísticas no currículo escolar.

3 Considerações Finais

A reflexão desenvolvida ao longo deste artigo evidencia que a experiência estética constitui um dos fundamentos mais significativos para o ensino da arte, uma vez que promove o desenvolvimento da sensibilidade, da percepção, da criatividade e da capacidade crítica dos estudantes. Mais do que um momento de contemplação, a experiência estética configura-se como um processo formativo que integra emoção, cognição e imaginação, possibilitando ao sujeito estabelecer relações mais profundas consigo mesmo, com o outro e com o mundo que o cerca. Nessa perspectiva, a arte deixa de ocupar um lugar secundário no currículo escolar e passa

a ser compreendida como linguagem, conhecimento e experiência humana.

As contribuições de Duarte Júnior (2001), especialmente ao retomar o conceito de *aisthesis*, demonstram que a formação estética está diretamente relacionada à capacidade humana de sentir e atribuir significado às experiências vividas. Tal compreensão reforça a necessidade de uma educação que supere a fragmentação entre razão e sensibilidade, reconhecendo que os processos de aprendizagem também se constroem por meio das emoções, das percepções e das experiências concretas. A educação estética, portanto, não se limita ao ensino de técnicas artísticas, mas favorece a formação integral do indivíduo ao estimular diferentes formas de compreender e interpretar a realidade.

Os estudos de Barbosa (2003), Funch (2000), Engelmann (2008), Nunes (1999), Parsons (1992), Vigotski (2009), Eisner (2002) e Simas (2012) evidenciam, sob diferentes perspectivas, que a arte amplia a capacidade de leitura do mundo, fortalece a criatividade, desenvolve o pensamento crítico e favorece a construção de identidades culturais. Em conjunto, esses autores demonstram que a experiência estética ultrapassa os limites da apreciação artística, constituindo-se como um processo educativo que envolve diálogo, imaginação, produção de sentidos e valorização da diversidade cultural.

Nesse contexto, destaca-se o papel do professor como mediador das experiências estéticas. Cabe ao educador criar situações de aprendizagem que favoreçam o contato significativo com diferentes manifestações artísticas, estimulando a observação, a interpretação, a criação e a reflexão crítica. Da mesma forma, a escola deve reconhecer a arte como componente essencial da formação humana, oferecendo condições para que os estudantes tenham acesso a múltiplas linguagens, contextos e expressões culturais, em consonância com as orientações da Base Nacional Comum Curricular.

Também se evidencia que a experiência estética não se restringe ao ambiente escolar, podendo ser vivenciada em museus, centros culturais, comunidades, espaços públicos e outros contextos educativos. Esses diferentes espaços ampliam as possibilidades de fruição, criação e participação cultural, fortalecendo o sentimento de pertencimento, a valorização das identidades e o

exercício da cidadania. Assim, a educação estética assume um papel relevante na construção de sujeitos mais sensíveis, criativos, autônomos e capazes de compreender criticamente a complexidade das relações humanas e sociais.

Conclui-se, portanto, que a experiência estética deve ser reconhecida como elemento estruturante do ensino da arte e como dimensão indispensável da formação integral. Ao integrar percepção, emoção, reflexão e criação, ela favorece aprendizagens mais significativas e contribui para o desenvolvimento de indivíduos capazes de interpretar, ressignificar e transformar a realidade em que vivem. Espera-se que este estudo contribua para o fortalecimento das discussões sobre a educação estética e incentive novas pesquisas e práticas pedagógicas que valorizem a arte como direito cultural, experiência formativa e instrumento de humanização nos diferentes espaços educativos.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 02 fevereiro 2025.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. Campinas, SP: Papirus, 2001.

ENGELMANN, Ademir Antonio. **Filosofia da arte**. 1. ed. Curitiba: Ibpex, 2008.

EISNER, Elliot. **O que a educação pode aprender das artes**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

FUNCH, Bjarne Sode. Tipos de apreciação artística e sua aplicação na educação de museu. In: HOUSEN, Abigail; CASTEL-BRANCO, Maria Emília. **Educação estética e artística: abordagens transdisciplinares**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

NUNES, Benedito. **Introdução à filosofia da arte**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.

PARSONS, Michael J. **Compreender a arte**. Tradução de Ana Luísa Faria. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

SIMAS, Cláudia Gunzburger. **Arte e reabilitação**: fazendo brotar emoção com ajuda de aparato digital. 2012. 168 f. Tese (Doutorado em Arte e Tecnologia) – Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

VIGOTSKI, Lev S. **Imaginação e criação na infância**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2009.

